

Os nomes dados aos estágios divergiram um pouco, porque naqueles livros se empregou a terminologia sânscrita hindu, ao passo que a nomenclatura páliã aqui empregada é a do sistema budista; mas, ainda que o assunto seja, por assim dizer, olhado de outra face, as qualificações exigidas redundarão nas mesmas quanto ao efeito, mesmo quando a forma exterior fôr diferente. No caso de cada palavra o simples sentido que ela tem no dicionário será primeiro dado entre parêntesis; a sua explicação, que em geral é dada pelo professor, seguir-se-á. O primeiro estágio, pois, chama-se entre os budistas:

1. Manodvâravajjana (o abrir das portas da mente, ou, talvez, o escapar pela porta da mente) — e nela o candidato adquire uma firme convicção intelectual da insubsistência e do nulo valor dos fins meramente materiais. Muitas vêzes se chama a isto aprender a diferença entre o real e o irreal, e, aprendê-la exige por vêzes muito tempo e muitas e difíceis lições. Mas é verdade que êste deve ser o primeiro passo para qualquer coisa que signifique um progresso real, pois que nenhum homem poderá entrar de veras para o caminho enquanto não tiver nitidamente decidido “dar a sua afeição às coisas de cima e não às coisas da terra”, e tal decisão nasce da certeza de que nada na terra tem valor, comparado à vida superior. A êste passo chamam os hindus a aquisição de Viveka ou discernimento e o Sr. Sinnett refere-se a êle como sendo o prestar vassalagem à personalidade superior.

2. Parikama (preparação para a ação) — o estágio em que o candidato aprende a praticar o bem sim-

plesmente por amor do bem, sem atender ao seu ganho ou perda, quer aqui quer no futuro, e adquire, como dizem os livros orientais, a perfeita indiferença para com o gozo do fruto das suas ações. Esta indiferença é o resultado natural do passo anterior; porque o neófito, uma vez que compreendeu o caráter irreal e impermanente de tôdas as recompensas terrestres, deixa de desejá-las; quando o fulgor do real atingiu a alma, nada que seja aqui de baixo pode continuar a ser objeto de desejo. A esta indiferença superior chamam os hindus Vairagya.

3. Upacharo (atenção ou conduta) — o estágio em que devem ser adquiridas as chamadas “seis qualificações” (Shatsampatti dos hindus). Chamam-se elas em páliã:

a) Samo (quietude) — aquela pureza e calma do pensamento que provém de um perfeito domínio sobre a mente — qualificação extremamente difícil de conseguir, e contudo absolutamente necessária, porque a não ser que a mente trabalhe só em obediência à vontade, não pode ser um instrumento perfeito para o trabalho do Mestre no futuro. Esta qualificação abrange muito, e inclui em si a calma e o domínio de si próprio que no cap. XIV se disse serem indispensáveis para o trabalho astral.

b) Damo (subjugação) — um igual domínio e portanto pureza das nossas ações e palavras — qualidade essa que decorre naturalmente da que a antecede.

c) Uparati (cessação) — que se explica como sendo a cessação do fanatismo ou crença na necessidade de qualquer ato ou cerimônia prescrita por qual-